



Profa. Telma de Carvalho

A contemporaneidade tem apresentado importantes desafios e oportunidades para a atuação dos profissionais da informação, haja vista que as constantes inovações tecnológicas têm demandado novas competências relacionadas ao acesso, produção e, especialmente, à disseminação das informações no suporte digital. Nesse sentido, é premente que as Instituições de Ensino Superior (IES) que formam os profissionais de Biblioteconomia e Documentação, Arquivologia, Museologia etc, assim como as organizações de classe, atuem na disseminação das atividades realizadas pelos profissionais da área, assim como promovam eventos, cursos e treinamentos para a formação continuada destes profissionais.

É nesse contexto que a presente edição da Revista Fontes Documentais entrevista Telma de Carvalho, professora do Departamento de Ciência da Informação (DCI) da Universidade Federal de Sergipe, vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFS) e presidente da Associação Profissional dos Bibliotecários e Documentalistas de Sergipe (APBDSE), enfatizando suas experiências tanto no âmbito acadêmico, quanto na defesa dos direitos dos Bibliotecários.

### **1. Conte um pouco sobre o porquê da sua escolha em fazer Biblioteconomia? Onde você cursou e o que achou do naquela época?**

Como todo aluno iniciante no curso superior em Biblioteconomia, não sabia exatamente o que a área estudava. Com o decorrer do curso fui entendendo a complexidade da profissão e fiquei admirada em saber como esta área era importante e lidava com questões muito especiais, desde o tratamento e organização da informação até a sua disseminação, além de lidar com questões de cunho social e humanístico. Cursei Biblioteconomia na Faculdade de Biblioteconomia e Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Na época, o curso era de 03 (três) anos e as disciplinas ofertadas contemplavam os saberes e fazeres da área, com um currículo que envolvia disciplinas como: Introdução aos Estudos Históricos, Introdução ao Pensamento Filosófico e Científico, Introdução às Ciências Sociais, Estudos dos Problemas Brasileiros, Estatística, Paleografia, Literatura, Bibliografia, Informática, Arquivística, Reprografia, Normalização e Editoração, História do Livro, Projeto de Centro de Documentação, Metodologia da Pesquisa, Referência, além das disciplinas do núcleo duro da área, como: Catalogação, Classificação, Indexação e Tesaurus. O estágio foi um importante momento na minha vida acadêmica, pois favoreceu o entendimento das questões vistas em salas de aula e a compreensão do que tantas vezes me deixava em dúvidas. Sua realização foi fundamental para minha visão da área.

## **2. O que você pensa sobre essa nova tendência de bibliotecas virtuais, e com isso, conseqüentemente, surgiram novos tipos de trabalho para os bibliotecários, como por exemplo: produção de conteúdo, marketing digital e análise de redes sociais.**

As bibliotecas virtuais, eletrônicas, digitais são respostas a um aprimoramento das condições de trabalho e de oportunidades de disseminação da informação a partir do uso acelerado das Tecnologias de Informação e Comunicação. O fazer do bibliotecário muda de ambiente, mas aspectos que são inerentes à profissão não alteram sua importância, mas o suporte onde as informações serão disponibilizadas. O bibliotecário, por trabalhar com a informação e extrair seus dados, tem todas as condições de se envolver em temas como produção de conteúdo, marketing digital, análise de redes sociais e também gestão de dados. Atualmente a ciência de dados e o acesso aberto à informação, por exemplo, estão no bojo das competências de bibliotecários que se envolvem nestas questões.

## **3. O que você acha que podemos fazer para melhorar a visão da sociedade sobre os profissionais da área da Ciência da Informação?**

Esta é uma questão que vem sendo debatida desde nossos bancos acadêmicos. Somos uma área muito importante, porém com pouco reconhecimento e conhecimento de nossas contribuições para além do processamento técnico da informação, que obviamente, é onde tudo se inicia. Creio que a área se fechou durante muitos anos nos fazeres, apenas. Até hoje vemos que ações que valorizam o cunho social da profissão são vistas como proativas e inovadoras, quando deveríamos fazer isso rotineiramente, inclusive como preconiza o nosso juramento e o próprio Manifesto da UNESCO. A sociedade só melhorará sua visão da área se os bibliotecários também mudarem sua maneira de pensar. Digo isso porque o movimento associativo é o grande elo entre a divulgação e a disseminação dos aspectos importantes envolvendo o campo da biblioteconomia e ciência da informação. Vemos, infelizmente, que grande parte dos bibliotecários desconhecem as funções de instituições como Conselho Federal de Biblioteconomia, Conselho Regional de Biblioteconomia, Sindicato, Associações e FEBAB confundindo suas atribuições e competências. É no movimento associativo que se conhece, por exemplo, o quanto a UNESCO e a IFLA vêm contribuindo para o desenvolvimento da área com suas diretrizes, planos e projetos. Poucos, muito poucos sabem da imensidão de propostas conduzidas por estes organismos e de quanto se pensa na valorização do profissional, das bibliotecas e das pessoas que frequentam esses equipamentos culturais. Se os bibliotecários conhecessem mais estas ações e disseminarem assuntos como o Tratado de Marrakesh, a Visão Global da IFLA, o Advocacy pelas bibliotecas entre inúmeros outros, poderíamos ter maior visibilidade. Precisamos estar na mídia, divulgar o quanto fazemos (que não é pouco). Existem projetos maravilhosos em circulação no nosso país que são conhecidos, apenas, por poucos. Falamos tanto em marketing digital, por exemplo, mas não trazemos para nós a responsabilidade de mudarmos esse panorama. Claro que temos instituições e profissionais que lutam arduamente para disseminar a atuação da área, mas o que quero dizer é que cada um deve ter sua parcela de responsabilidade nesta divulgação e, para que possa, de fato, conhecer a extensão dos trabalhos, os bibliotecários deveriam procurar suas associações e se filiarem, pois eles têm muita contribuição para oferecer. Acredito que isso contribuiria para ajudar a mudar a visão da sociedade sobre nossa área.

## **4. Qual é a sua visão sobre o futuro da nossa profissão? O mercado de trabalho mudou, a graduação não é mais suficiente para conseguirmos um bom salário e condições dignas de trabalho. Capacitação, seja mestrado, doutorado ou especialização em um tema específico é fundamental.**

Vejo o futuro de nossa profissão muito promissor se os bibliotecários entenderem o quanto são importantes na atuação dos estados e municípios. A contribuição das bibliotecas, por exemplo, em questões sociais é fundamental para que se atinjam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Para isso temos que mostrar aos órgãos governamentais o quanto somos parceiros e estamos alinhados à Agenda 2030. Se nos colocarmos na posição de importantes parceiros para o alcance destes objetivos, teremos uma mudança na visão da área e do próprio profissional bibliotecário. Saindo da linha de atuação apenas nas bibliotecas, vejo que a área da biblioteconomia e ciência da informação está emergindo para os aspectos tecnológicos e estão despontando pesquisadores e profissionais totalmente alinhados a uma nova dimensão, tratando de assuntos como mineração de dados, ciência aberta, altimetria entre outros assuntos que também têm forte relação com a biblioteconomia e ciência da informação. Claro que não podemos nos esquecer também daqueles profissionais que estão lutando arduamente pela Biblioteconomia Social, levando a informação onde ela pode e precisa estar. De fato, o número de bibliotecários que estão buscando a educação continuada e o aprimoramento profissional, seja por cursos de pós-graduação lato ou stricto sensu, vem aumentando. Isso só enriquece a área pois ela se sedimenta na produção científica e também na contribuição para a ciência. Reforçamos em nossos alunos que a educação continuada deve ser uma rotina entre eles, pois o ciclo não se encerra na graduação. O mercado de trabalho sempre esteve em constante mudança e ficar de olho nas tendências é essencial para que se tenha êxito profissionalmente. Autonomia, responsabilidade, pró-atividade não requer apenas características pessoais, mas também podem ser melhoradas com muito estudo e afincado.

##### **5. Como está sendo o ingresso dos egressos do curso de Biblioteconomia e Documentação no mercado de trabalho?**

Temos em Sergipe, vários bibliotecários formados pela UFS e já inseridos no mercado de trabalho. Temos, também, vários bibliotecários formados e sem postos de trabalho. Não porque no Estado não tenha postos para serem ocupados por estes profissionais, mas porque não há concurso para bibliotecários, uma vez que o cargo foi extinto pelo Governo Estadual. Assim, muitos são contratados em outros cargos, mas exercem a função de bibliotecário, o que fere os princípios da Lei 4.084 de 30 de junho de 1962 que dispõe sobre a profissão do bibliotecário e regula sua profissão, complementados pela Lei N° 7.504, de 2 de junho de 1986 que “Dá nova redação ao art. 3° da Lei n° 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a Profissão de Bibliotecário, e dá outras Providências” e pela Lei N° 9.674, de 26 de junho de 1998 que “Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências”. Por outro lado, temos muitos egressos trabalhando efetivamente em sua área, alguns em escolas, outros em universidades e/ou outros locais. O campo de atuação é vasto, inclusive por ser uma profissão que possibilita o trabalho autônomo, mas para isso é importante que se reconheça a extensão das competências e habilidades do profissional bibliotecário, coisa que nem sempre acontece e isso não é em Sergipe.

##### **6. Qual é a sua visão sobre o atual momento político que estamos vivendo? Na sua opinião, qual é a importância do profissional da informação como bibliotecário, documentalista e arquivista nesse contexto?**

Trabalhar com informação é uma questão primordial. Ter as competências e habilidades necessárias para tratar, organizar, disseminar, construir ferramentas para sua busca e recuperação, são ações fundamentais para o bibliotecário, documentalista e arquivista. Infelizmente parece haver uma negligência em relação ao tratamento das informações, especialmente relacionados aos arquivos em geral, que estão em situação muito precária em muitos Estados. Há que se ter mais investimentos para que possam ser organizados, pois a simples digitalização de um documento não significa nem estar organizado, nem estar tratado e, por vezes, não há como ser recuperado. Uma digitalização simples não significa estar disponível eletronicamente. Às vezes, perde-se mais informação do que se recupera. Por outro lado, trabalhamos na área da biblioteconomia, documentação e arquivologia com o acesso e recuperação da informação e vivenciar o que está acontecendo com a atual situação da chamada Lei da Transparência, muito nos entristece. A informação, num Estado democrático, deve circular para que a sociedade tenha conhecimento de tudo o que lhe diz respeito e privá-los disso é um contrassenso.

**7. Como atual presidente da Associação Profissional dos Bibliotecários e Documentalistas de Sergipe (APBDSE), conte-nos um pouco sobre as ações que vem sendo desenvolvidas no estado em relação a preservação, conservação, armazenamento e tratamento de documentos.**

A APBDSE tem a função principal de defender os interesses da área, promover eventos comemorativos ou palestras, conferências, eventos, oferecer cursos e treinamentos para a capacitação profissional além de zelar pela observação do cumprimento das Leis que regulamentam a profissão comunicando aos órgãos competentes (Conselho Regional da 5ª. Região, Conselho Federal de Biblioteconomia), situações que não condizem com o estabelecido. Conforme nosso Estatuto, ART.2º - São finalidades da Associação:

- a) congregar os bacharéis em Biblioteconomia e Documentação que tenham direitos adquiridos face à regulamentação da profissão, para a defesa e prestígio da classe e da profissão, promovendo o desenvolvimento da Biblioteconomia e Documentação;
- b) defender os interesses e apoiar os bibliotecários e documentalistas em suas justas aspirações coletivas;
- c) promover e estimular o aperfeiçoamento técnico e cultural dos bibliotecários, através do intercâmbio com entidades congêneres e da realização de reuniões periódicas para o estudo de problemas da Biblioteconomia e Documentação;
- d) incentivar e difundir estudos biblioteconômicos e correlatos, através da promoção de palestras, congressos, conferências, exposições, jornadas, seminários, cursos, publicações e concursos de trabalhos científicos;
- e) lutar pela justa valorização dos serviços de Biblioteconomia e pela dignidade profissional da classe;
- f) prestar solidariedade aos bibliotecários nacionais e estrangeiros que visitarem o Estado de Sergipe, em missão profissional ou cultural;
- g) garantir o cunho liberal e humanista no exercício da profissão bibliotecária e documentalista no Estado de Sergipe;
- h) prestar consultoria a órgãos públicos e privados na área de biblioteconomia e gestão documental mediante convênio firmado entre as partes;
- i) indicar profissionais bibliotecários devidamente registrados no CRB para prestação de serviços em unidades de informação públicas e privadas;
- j) manter intercâmbio com entidades vinculadas ao movimento associativo, unidades de ensino superior e órgãos da esfera federal, estadual e municipal estabelecendo convênios, contratos, locações e arrendamentos.

Em relação à preservação, conservação, armazenamento e tratamento de documentos, não temos uma ação interventiva no Estado, pois foge da nossa competência. Entretanto, podemos indicar profissionais habilitados para executarem essas atividades, caso sejamos procurados para isso.

A APBDSE tem um programa que se chama “Atualize-se”, onde, mensalmente, oferece oficinas ou minicursos relativos a temas emergentes ou que mereçam maior atenção por parte da comunidade bibliotecária e afins. Este ano o tema em questão fará parte de nossa programação.

**8. Você também atuou como vice-presidente da Federação Brasileira de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB). Em sua opinião, como encontra-se a profissão de bibliotecário no cenário sergipano com relação ao cenário nacional?**

Atuei na gestão de 2015-2017 e também estou na gestão de 2018-2020 como Vice-Presidente da FEBAB, o que me muito me orgulha, pois, o aprendizado nesse período tem sido essencial para uma visão globalizada de tudo o que envolve as bibliotecas, os bibliotecários, as associações, os organismos internacionais, nosso governo em relação à cultura, educação e informação. Em Sergipe caminhamos a passos lentos em algumas questões mas temos tido avanços em relação à comunicação com alguns de nossos organismos governamentais. Acredito na força e determinação de nossos bibliotecários, que tentam, mesmo com mínimos recursos em algumas situações,

promover ações relacionadas à Biblioteconomia e Documentação da melhor forma possível, dentro de suas instituições. Por outro lado, há uma enorme carência de recursos físicos e materiais, principalmente em nossas bibliotecas públicas onde não há, por exemplo, recursos humanos suficientes (bibliotecários, técnicos e auxiliares de biblioteconomia, entre outros), equipamentos de informática e de acessibilidade para usuários cegos, de baixa visão, surdos ou com quaisquer outras deficiências, que garantam o acesso à informação. Nossas bibliotecas públicas não têm catálogos para recuperação da informação contida nos acervos. Isso é caótico pois mesmo com a melhor boa vontade a informação contida nos acervos é perdida. Por vezes tentei fazer projetos de iniciação científica em algumas dessas unidades de informação e, mesmo tendo a solução para a melhoria desta atividade, faltaram ações efetivas por parte dos dirigentes municipais que auxiliassem a automação da biblioteca, a exemplo da falta de instalação de cabos de internet, equipamentos de informática onde pudessem ser instalados softwares para gerenciamento administrativo da biblioteca e do acervo e para acesso online pelo usuário ao catálogo da biblioteca. Vejo isso com grande preocupação pois fica evidente a falta de interesse na melhoria das condições físicas e ambientais das bibliotecas, o que favoreceria, sobremaneira, o acesso e uso desse importante equipamento cultural que retrata a própria comunidade e Estado. Nesse aspecto, Sergipe está muito aquém da situação nacional, precisando, mais do que investimentos em recursos financeiros, investimentos em postura e comportamento. Falta entendimento da potencialidade do bibliotecário e do que representa uma biblioteca para a comunidade onde ela atua. Nesse sentido, também a APBDSE pode atuar fortemente, capacitando a equipe das bibliotecas em ações de gerenciamento e gestão da informação, com cursos de aperfeiçoamento e de atualização nos mais variados temas, inclusive, na captação de recursos externos por meio de elaboração de Projetos. Há muito trabalho a ser feito, mas, como disse anteriormente, temos exemplos maravilhosos no Estado que merecem ser divulgados, pela garra e determinação de nossos bibliotecários.

**9. Você está exercendo a função de coordenadora do curso de Biblioteconomia EAD, que em breve será ofertado pelo CESAD UFS. Como ocorreu o processo de inscrição e qualificação da UFS para se alinhar ao projeto? Além disso, qual será o reflexo disso para a sociedade?**

Sim. A partir do edital aberto pela CAPES para inscrição das Universidades, percebemos que este seria um momento ímpar e que a UFS deveria participar. Mesmo tendo um corpo docente pequeno em relação ao número de professores, o Departamento de Ciência da Informação aprovou em colegiado a participação no Curso de Biblioteconomia a Distância. O processo ocorreu com os trâmites necessários e nosso projeto estava muito bem elaborado, totalmente alinhado às prerrogativas exigidas, o que nos qualificou para sua aprovação. Já participei de uma reunião com os 14 coordenadores dos Cursos de Biblioteconomia a Distância, em Brasília, na CAPES, para tratativas sobre os procedimentos para início dos referidos cursos. A potencialidade do curso é inegável, haja vista a carência de bibliotecários no mercado, especialmente em relação ao cumprimento da Lei 12.244 de 24 de maio de 2010 que “Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País”, até o ano de 2020. Como reflexos para a sociedade entendemos a valorização da profissão, uma vez que este curso foi aberto a partir dessa demanda existente e também por favorecer que profissionais habilitados e com competências inerentes à profissão possam promover a biblioteconomia em todas as suas ramificações nos mais variados Estados brasileiros, levando informação, cultura e educação para a sociedade. As bibliotecas são locais transformadores, pois possibilitam a mudança na vida das pessoas, a partir do acesso à informação e do conhecimento adquirido, conforme preconiza David Lankes, em seu livro “Expect More”, que deveria ser, na minha opinião, o livro de cabeceira dos bibliotecários que anseiam por mudanças, valorização profissional, das bibliotecas e da comunidade.

**10. O ano de 2018 foi muito produtivo no quesito de criação de revistas sergipanas na área de ciência da informação. Como você vê esse novo cenário editorial e quais contribuições destas, na produção científica da área?**

De fato, vimos novos títulos surgirem em 2018 e acredito que isso se deva em relação ao amadurecimento da área no Estado, a exemplo de programas de pós-graduação, como no nosso caso, ou mesmo, a partir de grupos de pesquisa. As contribuições científicas nesses títulos serão importantes e elevarão o Estado na condição de produtor científico na ciência da informação, promovendo a disseminação do conhecimento nas especialidades tratadas nas respectivas revistas, além de captar publicações de autores nacionais de outros estados e também estrangeiros, formando uma rede de comunicação científica importante para a área acadêmica. Embora uma revista não deva se fechar na sua abrangência, estes veículos de informação serão extremamente importantes para levar o conhecimento científico produzido em Sergipe para outras esferas e há muita contribuição nesse sentido que deve ser compartilhada. Parcerias são fundamentais para que este conhecimento seja disseminado em larga escala e acredito que estas revistas têm essa missão também.

## **11. Como você enxerga a relação entre as áreas da Ciência da Informação e da História?**

A Ciência da Informação e a História têm uma grande relação, ao meu ver, a partir do conhecimento por exemplo, da História do Livro, da Paleografia, dos arquivos históricos, da criação da imprensa, da revolução da escrita, que tratam de temáticas pertinentes também à Ciência da Informação. Como citado na revista “Fontes Documentais”, em sua apresentação, temas como “memória, representação, identidade, patrimônio, preservação e conservação de documentos, fontes de pesquisa, o processo historiográfico das unidades de informação, como Bibliotecas, Arquivos, Centros de Documentações e Museus”, têm estreita relação com a área, numa visão transdisciplinar dos assuntos. As relações históricas na produção do conhecimento científico, dos saberes humanos, do conhecimento e disseminação dos fatos ocorridos são indissociáveis de ambos os campos de atuação, numa perfeita relação entre eles.

Entrevista concedida ao Prof. **Pablo Boaventura Sales Paixão** – Assessor de Comunicação e Eventos, além de Coordenador de Pesquisa e Extensão do Instituto Federal de Sergipe (IFS) - Campus Socorro. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Complutense de Madri. Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes - UNIT. E-mail: pabloboaventura1@hotmail.com. Orcid: <http://lattes.cnpq.br/1068196372764440>

### **Agradecimentos**

**À Profa. Dra. Telma de Carvalho pela disponibilidade, generosidade e carinho demonstrado ao conceder essa entrevista. Desejo de muito sucesso na realização dos seus projetos!**

**Ao Prof. Pablo Boaventura pelo valioso presente aos nossos leitores que se deleitaram com essa entrevista.**